



EMERGIR NA NATUREZA: UMA EDUCAÇÃO PARA A ECOLOGIA CORPORAL E LAZER EMERSIVO

*EMERGING IN NATURE: AN EDUCATION FOR BODY ECOLOGY AND
EMERSIVE LEISURE*

Bernard Andrieu
L'Université Paris Descartes
Petrucia da Nóbrega
Laís Saraiva Torres
Luiz Arthur Nunes da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Resumo

Trata de um ensaio filosófico constituído por relatos sobre situações extremas na natureza. Esse material compõe nossa reflexão sobre a ecologia corporal como um processo educativo imersivo e emersivo, mobilizando o corpo vivo e o corpo vivido por meio de narrativas em primeira pessoa. Essas experiências compõem práticas de esportes e lazeres emersivos em meio à natureza selvagem, dadas suas condições extremas de risco corporal e que exigem uma educação do corpo por meio de técnicas corporais específicas e de uma consciência ecológica.

Palavras-chave: Emersiologia. Corpo. Lazer.

Abstract

This is a philosophical essay made up of reports about extreme situations in nature. This material composes our reflection on body ecology as an immersive and emersive educational process, mobilizing the living body and the lived body through first-person narratives. These experiences compose emersive sports and leisure practices in the midst of wild nature, given their extreme conditions of bodily risk and that require an education of the body through specific body techniques and an ecological conscience.

Keywords: Emersiology. Body. Leisure.



Uma educação para a ecologia corporal

Nos anos 1960, [Arne Naess](#) apresenta sua ecologia profunda, a partir da qual emerge um novo pensamento não dualista entre o sujeito e seu mundo, a natureza, a sociedade e os estilos de vida (NAESS, 2017). Décadas depois, Guattari (1989) cria as três ecologias – cósmica social e mental – para enfrentar as intensas transformações técnico-científicas que ameaçam a vida. Nessa direção, Gorz (1990), segue o “*fil rouge*” da ecologia, discutindo as relações entre a vida e a natureza e a técnica, bem como as relações com a corporeidade e com a experiência corporal e sensível, em contrapartida ao desprezo do corpo pela cultura, como caminho para uma “boa vida”. Em 2007, em discurso pronunciado na UNESCO, Malaurie (2007) reelabora a noção de *Terre Mère* [Mãe Terra] para fazer face ao sofrimento da terra, a sua devastação diante de uma mundialização desordenada e devastadora. Ele alerta para o fato de que a terra se vingará, e os sinais dessa vingança já estão sendo anunciados. Maffesoli (2010), em sua ecosofia, apresenta a recusa de tornar rígido o vivo. Assim, apresenta a alternativa de uma fenomenologia da natureza e de uma sensibilidade ecológica que exige uma postura ética e o estabelecimento de novos pactos éticos, sociais, afetivos. Essas são algumas referências fundamentais que englobam nossa perspectiva em torno de uma ecologia do corpo e de uma fenomenologia da natureza e das práticas corporais no contexto da educação de forma ampla.

Em uma abordagem mais específica da história do esporte e lazer, Turcot (2016) relata como as sociedades ocidentais fizeram dos esportes e dos lazeres modelos e referências que impregnam todas as esferas da vida, incluindo a educação, notadamente por sua importância real e simbólica na vida das pessoas, seja como divertimento, sociabilidade ou prática cultural. Nesse contexto, destacam-se os esportes e lazeres na

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



natureza como um desejo de evasão, de prazer, de bem-estar e também de ecologização corporal.

Em seus estudos sobre atividades de lazer na natureza, Marinho (2008) destaca que a aventura na natureza e o seu elemento de risco oportunizam novas relações entre as pessoas, “criando laços de amizade e propiciam novas sensações e emoções” (MARINHO, 2008, p. 181). Esse aspecto pode contribuir para processos educativos nos quais a sociabilidade, a cooperação e o espírito comunitário são desenvolvidos. A autora reflete ainda sobre o desenvolvimento tecnológico e econômico que contribui para a destruição do meio ambiente em níveis planetários, bem como sobre as condições de vida no meio urbano que parecem afastar as pessoas do convívio com natureza, sendo sintomático que um número crescente de pessoas procure passar momentos agradáveis e emocionantes junto à natureza.

Recentemente, um conjunto de pesquisas sobre as relações entre corpo, natureza e educação pode ser encontrado em Soares (2016), notadamente com destaque para as relações entre naturismo e educação corporal, as relações com o sol e o mar, o escotismo, e outros aspectos que compõem parte da história da Educação Física e também dos estudos do lazer em seus aspectos educativos, higiênicos, pedagógicos. O escotismo, por exemplo, irá considerar o distanciamento da natureza na vida urbana e a necessidade de uma educação física, moral e intelectual contrária ao aspecto artificial a ser buscada no contato com a natureza (JUNIOR, 2016). Destacam-se ainda as colônias de férias e a busca por uma “natureza perdida”, como aponta Dalben (2016, p. 104), ou ainda a ideia de uma “natureza em movimento” ou de um “movimento natural”, notadamente nos trabalhos expressivos desenvolvidos por Laban, Isadora Duncan, Emile Jacques-Dalcroze. “Enfatiza-se, por fim, a ideia de corpo ‘naturalmente fortalecido’ por meio das

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



práticas desenvolvidas por Georges Hébert e o Método Natural”, no campo da Educação Física (VILLARET, 2016).

Essas são apenas algumas referências que contextualizam os estudos de uma educação na natureza. Neste ensaio, compreendemos que a natureza não é exatamente exterior a nós como uma paisagem, um meio natural, um espaço verde. Os tsunamis, os furacões de nível 5, os tremores de terra vêm educar em situação de urgência, revelando nossa inadaptação, a inadaptação do nosso corpo, frente a um contato mais intenso com a natureza, aqui denominado de “dismose”, em oposição a uma relação osmótica.

A *dismose*, ocasionada, entre outros fatores, pelo afastamento de nossas técnicas de corpo das condições naturais, coloca nosso corpo em situações imprevisíveis. “A *dismose* é a imersão ambiental no corpo a ponto de provocar mutações internas do vivo que escampam ao controle do sujeito” (ANDRIEU, 2017, p. 9). Neste ensaio, apresentamos relatos sobre o corpo em situações de imersão na natureza, em particular, em situações de sobrevivência, que demonstram uma educação para a ecologia corporal a partir dos sentidos corporais, subjetivos e ecológicos que emergem das narrativas, recolhidas de livros de caráter autobiográfico.

A ecologia corporal é compreendida como “uma prática de si que se ocupa do cuidado dos outros por meio das escolhas de vida” (ANDRIEU, 2011, p. 12). Não se trata de um retorno a um estado de natureza ideal, mas da observação de nosso estilo de vida, de nossos modos de produção e de consumo em relação ao meio ambiente e às diferentes maneiras como os elementos – o ar, água, o sol e a terra – penetram nosso corpo para produzir novas formas de relação e de experiências de ser, de estar no mundo, de viver em sociedade e em nosso planeta.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



O contato com os elementos naturais pode contribuir para uma educação da sensibilidade ecológica, aportando ainda uma possibilidade de fruição da natureza. Na perspectiva da ecologia corporal, busca-se o contato com os elementos da natureza como um modo de imersão nas sensações corporais, como a respiração, o naturismo, a energia, a luz, a caminhada, a meditação e outras técnicas para se experimentar. Esse contato também se dá para promover modos de vida coletivos, associativos, solidários, cooperativos para tecer alternativas de modo de vida ecológico, ainda que de maneira lenta, mas segura, para as escolhas sociais e estilos de vida mais solidários e harmônicos.

Em se tratando de um ensaio filosófico, tomamos a liberdade de escolher de forma intencional relatos autobiográficos, de forma intencional e não exaustiva escritos, em primeira pessoa, por: Jean-Louis Étienne (1946), explorador francês conhecido por suas viagens solitárias no polo norte; Alain Bombard (1924-2005), navegador francês que em 1952 cruzou o oceano atlântico sozinho em um barco inflável; Sven Hédin (895-1952), explorador sueco conhecido entre outras aventuras por sua viagem ao deserto do Taklamakan, na Ásia; Edmund Hillary (1919-2008), alpinista pioneiro, em 1953, na escalada do Evereste, no Nepal, com seu guia Sherpa Tenzing Norgay; Maurice Herzog (1919- 2012), alpinista francês conhecido por atingir o cume do Monte Annapurna, em 1950, tendo perdido por congelamento vários dedos dos pés e das mãos; Reinhold Messner (1944), alpinista italiano que, em 1978, junto com Peter Habeler, escalou o Monte Evereste sem utilizar oxigênio suplementar, tendo realizado diversas travessias na Antártica e Groelândia e atravessado sozinho o deserto de Gobi, situado no sul da China; Richard Byrd (1888-1957), almirante da Marinha americana, conhecido pelas suas explorações como navegador em regiões insólitas dos Oceanos Atlântico, Ártico e Antártida.



Em nosso ensaio, escolhemos trechos das narrativas que se encontram devidamente referenciadas ao longo do texto e nos dão o suporte bibliográfico necessário para nossa reflexão. Os relatos apresentados focam na relação intensa e selvagem com a natureza, no sentido de exigir de seus personagens atitudes corporais inusitadas, a reconstrução de seu esquema corporal face a situações extremas que desafiam a consciência, os hábitos adquiridos e as expectativas em relação ao meio ambiente, ao espaço e a nossa capacidade vital. Busca-se, pois, configurar um campo reflexivo em torno de uma ecologia corporal profunda que desafia nosso corpo, nossas capacidades vitais e nossa subjetividade.

O último salto vital

Deixado como morto no Evereste, Beck Weathers desperta do sono no qual estava mergulhado próximo ao campo IV, as duas mãos geladas, o rosto devastado pelo frio:

Eu recobrei a consciência no colo Sul, mas ignoro como. Uma sacudida me fez recobrar os sentidos, pus-me de pé, graças à aparição suficientemente potente para reanimar meu cérebro. Eu não sou especialmente crente, mas posso certificar que uma força interior rejeitou a morte, depois me guiou, cego e titubeante- a marcha de um morto-vivo, literalmente- até o acampamento e me insuflou a vida (WETHERS, 2015, p. 19).

Em outro relato, no jornal de sua expedição ao polo norte e de seu encalhamento no hidroavião a 200 km da chegada, Roald Amundsen descreve o que emerge do corpo vivo de seu companheiro Dietrichson: ele sofre de uma “violenta oftalmia das neves”, pela cegueira provocada pela refração da luz sobre o gelo (AMUDSEN, 2014, p.136). Assim, o corpo vivo age apesar das aparências e falhas da consciência do corpo vivido.

O explorador polar Jean-Louis Étienne, em sua obra autobiográfica *Perséverer. On ne repousse pas ses limites on les découvre*, está bem consciente de reviver os instantes de sua travessia, voltando a mergulhar com intensidade, mesmo se a descrição aporta “uma espessura maior que quando da travessia no frio” (ÉTIENNE, 2015, p. 10). Apesar dessa lucidez que



evita a ilusão da retrospectiva, Étienne consegue descrever os momentos de imersão do corpo vivo na natureza, inclusive os fracassos, habituado aos -52°C : “eu atingi o insustentável. Meu cérebro entorpecido pelo frio respondia lentamente” (ÉTIENNE, 2015, p.47). Engajando-se nas fronteiras da vida, os gestos de sobrevivência, em um salto vital, ele evita que o frio “se aposses do seu corpo”. O frio usa suas forças, a consciência ainda está viva quando ele “entra na zona de perigo” (ÉTIENNE, 2015, p.52). Aclimatar-se ao frio, desta feita em um teste científico, em quarto frio, pode causar a perda da sensibilidade profunda, perturbando a percepção das pernas e dos pés no espaço, com uma “*démarche atáxica*, desordenada, batendo o pé na terra para assegurar o contato com o solo” (ÉTIENNE, 2015, p.52).

A iminência da morte engaja um instinto de sobrevivência em alguns centésimos de segundos, como se o corpo vivo se debatesse com intensidade. Seguindo o que ele chama, em uma metáfora animal, “convulsões reptilianas”, o explorador consegue subir uma dezena de metros para fora do abismo: “eu estou vivo!” (ÉTIENNE, 2015, p. 89). Por “reflexos”, ele se levanta cedo e consegue, apoiando o alto de seu corpo, montar. O medo foi apenas retrospectivo, não houve tempo para agarrar a emoção, dado o frio intenso: “o medo não devia ser um reflexo, mas um pensamento constante” (ÉTIENNE, 2015, p. 197). O diário de bordo capturava ainda mais o vivo da experiência, pois o corpo vivo ele mesmo escreve, por meio de gestos espontâneos, os acontecimentos de sobrevivência. Por sua ativação, o vivo produz em um tempo reflexo uma resposta motriz que prova a ligação visceral à vida do explorador. Apesar do sofrimento ou em razão dele, as sensações de frio, as privações e o estresse, o corpo vivo remonta para dar uma nova consciência ao corpo vivido. Por essa via de ascese, ele consegue produzir, uma vez no polo norte, “alegria e lágrimas [que] revigoram meu corpo” (ÉTIENNE, 2015, p. 104).

Em *Le pôle intérieur* [O polo interior], Jean-Louis Étienne já precisava o quanto que, mesmo “inteiramente tomado pelo frio, as dificuldades da estrada e a fadiga física, [ele

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



avançou], recusando questionar a razão de sua presença nesses lugares desumanos”. A precária rotina de sobrevivência não evita o medo da ameaça do urso rugindo nos traços humanos: "Eu então percebi plenamente que eu estava nas mãos do polo" (ÉTIENNE, 1999, p. 189). A precária rotina de sobrevivência não evita o medo face à ameaça dos ursos que rodeavam os traços deixados pelos humanos: “eu tomei plenamente consciência que eu estava nas mãos do polo” (ÉTIENNE, 1999, p. 189).

Confiar no destino e na natureza, abandonar toda pretensão de controlar favorece a descoberta da humildade: não a falsa aparência esperando um retorno sobre o investimento, mas aquela mais profunda, que faz “demandar às potências do polo a autorização para penetrá-lo” (ÉTIENNE, 1999, p. 189). O desprendimento espiritual acompanha-se do sofrimento físico do frio, pois “na menor parada, o frio abatia-se como uma chapa de mercúrio congelada” (ÉTIENNE, 1999, p. 192). O relaxamento completo – “impossível de relaxar” – realizou-se garças ao calor ofertado por cereais que “pareciam crescer por todo meu corpo” (ÉTIENNE, 1999, p. 193).

Na natureza e diante da grandeza inumana dos lugares, na recusa da bravura e na impossibilidade de ser conquistador, Étienne agora sabia que “ele não estava em casa, era apenas tolerado” (ÉTIENNE, 1999, p. 194). Mas, em vez de se submeter aos elementos, o explorador prefere o “diálogo com a geleira” como sendo o “melhor remédio” (ÉTIENNE, 1999, p. 194). Sem esse contato a cada instante, a geleira o dominaria: “era necessário estar totalmente lá, a cada instante, para merecer a geleira... estar presente a si a todo momento” (ÉTIENNE, 1999, p. 198). A harmonia nascente entre a geleira e o explorador poderia ser quebrada pela queda na água? O grau de lucidez é demonstrado por esse sentimento de ter ido longe demais, pelo medo que passava a frear suas “audácias”.



Essas narrativas mostram a grandeza da natureza, sua capacidade de desafiar nossas técnicas de corpo, nosso esquema corporal, nossa motricidade e nossa subjetividade ao nos fazer confrontar com emoções profundas, como medo. Esses aspectos contribuem para pensarmos uma educação para uma ecologia profunda do corpo, a partir da vitalidade que nos torna capazes de ultrapassar limites e de reconhecê-los por vezes como intransponíveis.

A vitalidade que nos torna capaz de nos ecologizar

Se a ativação involuntária do vivo assegura uma adaptação por ecologização, esse tipo de recriação emersiva não afasta simplesmente seus limites, ela revela também o que é suportável e o que é inviável, pois a confrontação do vivo com a natureza no curso da *cosmose* pode também provocar efeitos de *dismose* pela forte intensidade. Por outro lado, a recriação pode ser *transestética* quando o hedonismo e a performance estão em concorrência no sentimento de bem-estar experiencial que pode também tornar-se um mal-estar, um incômodo (LIPOVETSKY; SERROY, 2013). Os autores apresentam uma crítica às práticas de consumo exarcebado no cenário das economias liberais, em que tudo é estetizado em nome de fins comerciais, lucrativos, alienantes.

Nesse sentido, a *cosmose* refere-se a esse estado emersivo, exigindo um relaxamento da consciência e uma aceitação profunda do ser atravessado pela informação ecológica produzida por nossa sensibilidade, afirmando o sentido estesiológico do corpo (ANDRIEU, 2017; ANDRIEU; NÓBREGA, 2016; ANDRIEU; NÓBREGA; SIROST, 2017; NÓBREGA; TORRES, 2017). A estesiologia é um dos capítulos da filosofia do corpo proposta por Merleau-Ponty em seus cursos sobre a Natureza nos anos de 1956 a 1960, no *Collège de France*. A estesiologia é o sentir mesmo. Afastando-se de uma filosofia reflexiva do sujeito, a estesiologia investe nas sensações, na empatia e na intercorporeidade para amplificar a experiência vida e o esquema corporal. O filósofo irá

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



desenvolver essa tese com base na experiência sensível da pintura, do cinema e da literatura como maneiras de pensar que renovam o quadro fenomenológico e ampliam a compreensão de racionalidade e de inteligibilidade a partir do *logos* sensível nas relações existenciais, sociais e históricas.

Sem poder apreciar, por falta de instrumentos necessários, se ele avança ou recua ao mesmo tempo pela mobilidade da geleira, o tempo se prolonga para Alain Bombard em sua canoa inflável, pela provação de seu corpo inteiro imerso em um meio que não domina. Ao naufragar voluntariamente, o homem sonhava menos em tornar-se o meio, ao submeter-se a ele, que imergir em uma situação de sobrevivência no limite corporal: perdido e esgotado: “eu fiquei bastante desesperado, no entanto, necessitava aguentar, é terrível... eu tinha a impressão que sabia onde estava, mesmo se estava longe, não seria a mesma coisa” (BOMBARD, 1996, p. 231). O risco do naufrágio voluntário torna-se menos uma experiência de sobrevivência eu de uma vida aquática. Assim, a sensibilidade deve se adaptar sem se fundir integralmente no meio face ao risco de morrer de fome ou de sede. Privado de água doce durante vinte e um dias, Bombard se encontra “em perfeito estado de receptividade, simplesmente tendo provado essa sensação maravilhosa que dá um líquido passando entre os lábios” (BOMBARD, 1996, p. 234). O esgotamento vem aumentar o sentimento de autossuficiência de uma natureza revanchista que nos toma a vida quando temos a “impressão de perseguição (...) na superfície do mar [ou] “que tudo se volta contra você, que nada dará certo” (BOMBARD, 1996, p. 227).

Sem vento, muito sol, sem água, diarreia persistente, o corpo exterior e interior é levado ao limite do suportável como para considerar sua própria morte: “eu teria morrido antes, cozido, sedento, faminto, verdadeiramente tudo estava contra mim” (BOMBARD, 1996, p. 227). A derrota é considerada antes do término da viagem. “Não há heroísmo viril aqui, mas o frio realismo do confronto com o oceano que se torna maior do que o sonho de cruzá-lo sozinho. Confiar no vento, apesar do bom curso, é também este corpo vivo que se

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



revolta contra o esforço da consciência para continuar o cruzamento e, além disso, com essa horrível diarreia que dá ritmo à sede” (BOMBARD, 1996, p. 227). Chegou à hora das últimas vontades de sua esposa e filha. Aguentar, apesar do desespero, fortalece a geografia interior dos laços e lembranças da família e dos amigos, embora a cosmografia seja impossível para situá-las no meio do oceano.

Maurice Herzog descreve esse limite do suportável no esforço mesmo da subida e descida de Annapurna: “a vitalidade é diminuída, os corpos diminuídos, o gesto mais elementar exige uma energia perfeitamente desproporcional. O espírito mesmo se perturba, perde toda complexidade” (HERZOG; ICHAC, 1951, p. xiii). O esgotamento dos alpinistas da expedição Mallory sobre a ascensão do Evereste em 1924, após o fracasso de 1922, é patente. Somerwell chegou ao limite de suas forças: o esforço e o frio deixaram sua garganta seca. Ele tinha cada vez mais dificuldade de respirar » (DAVIS, 2016, p. 426). Os olhos de Norton “colavam e o fluido gelava suas bochechas » (DAVIS, 2016, p. 426), a ponto de ser atingido pela cegueira das neves e a diplopia: « eu comecei a sentir que minha vida se devia apenas à fricção de um prego de meus sapatos nas lajes” (DAVIS, 2016, p.430). Mallory e Irvine realmente chegaram ao Evereste antes de perecerem no que teria sido sua descida? Não há nada para prová-lo nos restos de Mallory, descoberto a 8.280 m na face norte, e a análise do alívio: “Eles tantas vezes viram a morte que a vida lhes importava somente quando se sentiam vivos” (DAVIS, 2016, p. 459).

Edmund Hillary, pioneiro na escalda do Evereste em 1953, escreve em seu diário que, estando no alto do Evereste com Tensing Norgay, tentavam retornar, mas “não sem terem procurado a existência de traços de Mallory e de Irvine, mas sem nada encontrar” (HILLARY, 1999, p. 249). A narrativa mostra o espírito de cooperação entre os companheiros dessa aventura errante no Evereste e, ainda, os esforços empreendidos pelo montanhista para



contribuir com o desenvolvimento do Nepal, construindo escolas, pontes, hospitais, dentro de um espírito comunitário associado ao respeito à natureza.

O limite do inviável

Sem oxigênio, Reinhold Messner e seus companheiros, a 8.800m, avançam como autômatos, “sem pensar em nada” (MESSNER, 1979, p. 152). Não mais conectados à corda, apenas “subconsciente”, garante a harmonia dos membros. Se a razão está morta, desconectada, uma nova permeabilidade da alma empurra-os para frente, apesar de tudo. No topo, depois de horas de luta para respirar, “uma grande calma invade o corpo” (MESSNER, 1979, p. 153). A libertação emocional de Messner é intensa, a ponto de o espírito ausente não lhe pertencer mais, não sabendo mais quem ele é, senão “um único pulmão”, com seu companheiro Peter Habeler. Ele precisa recobrar a consciência.

Não é o sentimento de onipotência que o domina, mas a simples suspeita de “uma felicidade enraizada na cabeça e no peito” (MESSNER, 1979, p.153). Pierre Mazeaud admite que na tempestade no meio da noite, empilhados na tenda, “o medo os acorda, o frio também” (MESSNER, 1979, p.153). Diante do cume, ele “permanece prostrado na impressão de atingir seus limites”, que ele não suporta mais. Dentro dos limites da consciência, o corpo vivo é empurrado para recursos sem precedentes desconhecidos, exigindo um novo esquema corporal capaz de criar novos sentidos ligados à sobrevivência em uma situação que se mostra inviável.

Em pleno deserto, a sede também é uma prova reveladora da acuidade do vivo para se tornar vital ou não viável. Assim, o explorador sueco Sven Hédin mantém seu diário e anota em 26 de abril de 1895, nas areias do Taklamakan, como se encontrava, “por volta do meio dia, esgotado pelo calor e pela sede, a ponto de desmaiar”. Face à tempestade de areia, a marcha é cada vez mais penosa, sendo invadido pelo elemento, envolvido, encoberto pelas



partículas: “As rajadas levantam-se debaixo dos nossos pés como nuvens de areia e nos envolvem com seus redemoinhos. Esta chuva de partículas minerais penetra em todos os lugares, na boca, no nariz, nas orelhas, mesmo através das roupas e das máscaras de arame que envolve meus óculos. Às vezes, nos sentimos quase asfixiados (HEDIN, 2011, pp. 52-53). A *cosmose* apresenta-se aqui como um envolvimento completo do corpo e uma penetração dos orifícios do corpo pelo elemento da natureza. Nada detém essa invasão, o corpo é atravessado pelo elemento. A satisfação das necessidades primárias é vital e efetua-se a qualquer custo. Matando uma ovelha para beber seu sangue ou coletando a urina dos camelos, o explorador abandona cada um de seus companheiros esgotados para arrastar-se até uma pequena poça de água salvadora.

Em seu último diário, com data de 10 de abril de 1873, David Livingstone narra sua doença e seus dias querendo ir até o fim de seu esgotamento vital: “eu estou pálido, sem sangue. As hemorragias foram copiosas desde 31 de março e tiraram minha força. Espero poder concluir minha obra!”. A dor acompanha cada movimento ao ponto de obrigá-lo a deitar-se: “não é apenas prazer esta exploração!” (LIVINGSTONE, 1999, pp. 227; 228). Em 23 de abril, ele só pode escrever a data em seu diário, será sua última escrita, a continuação do diário será garantida por Horace Waller.

O limite do inviável exalta a vitalidade na qual a imersão torna-se uma inserção no elemento da natureza, em uma situação limite na qual a vida poderia bascular na morte. A inserção é esse momento em que a *cosmose* pode se voltar contra a vida, tornando-se uma *dismose*, alterando definitivamente suas capacidades de adaptação. Essa vitalidade se produz nesse afastamento entre o que cremos possível de ser feito a partir de nosso corpo vivido e o que nosso corpo vivo realiza em sua ecologização em novos esquemas corporais.



Mergulhar em uma filosofia vivificante

Em seu diário redigido em 1934, Richard Byrd fala do primeiro inverno solitário na Antártica, em condições climáticas extremas: “eu desejei outra coisa que o isolamento, no sentido geográfico do termo. Eu queria mergulhar em uma filosofia vivificante” (BYRD, 1996, p. 20). Se ele busca o extremo, é menos para se arriscar que para sua experimentação sensorial. Dependendo fisicamente de si mesmo até a morte morrer por frio extremo, trata-se de buscar a morte sem morrer, abordá-la “sem ceder à morte” (BYRD, 1996, p. 21). -58° C, “o metal frio [lágrimas], a pele com três dedos de uma mão” (BYRD, 1996, p.61). Ao notar a temperatura mínima com as mãos, o domínio do domínio da sobrevivência escapa porque “os instrumentos eram os mestres [da situação], não eu” (BYRD, 1996, p.64). A superfície da pele perde sua antiga camada sob a ação do gelo e, mesmo se “a notícia ainda é extremamente delicada”, não é suficiente para proteger (BYRD, 1996, p.75).

Nessas condições extremas, a harmonia e o silêncio da natureza se impõem em uma caminhada a -33° C, em cosmogonia do homem como parte desse universo “do mesmo modo que o dia e a noite. Um cosmos, não um caos!” (BYRD, 1996, p.80). A criança retorna por meio desse estado que “relewa, em parte, da animalidade: a descoberta de estar vivo, de crescer, de não ter mais medo” (BYRD, 1996, p 126).

Se o homem é um com esse cosmos, e apesar de estar em posse de todas as suas faculdades, o invernante vive uma “solidão total demais” (BYRD, 1996, p. 88), que resulta das modificações inexoravelmente sofridas pelo corpo vivo: “Pode levar algum tempo para perceber isso, mas o frio e a noite mina lentamente um corpo humano. A mente torna-se pesada e os reflexos do sistema nervoso diminuem a velocidade” (BYRD, 1996, p. 87). O corpo deve perder seu entorpecimento, deixando o frio invadir e evitar qualquer contato fora da camada do saco de dormir. Assim, é preciso permitir seu corpo equilibrar naturalmente suas reações,

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



lá onde ainda é possível uma harmonia, “como se viesse de si”, diante do esgotamento do corpo (BYRD, 1996, p. 98).

Mas, a resistência ao frio parece poder desaparecer em -48°C : “Minha carne se contraiu e meus dedos tremiam assim que entravam em contato com algum objeto. Era desanimador estar à mercê de um elemento contra o qual não podia fazer nada” (BYRD, 1996, p.167). Esse domínio impossível do elemento é uma humildade e um sentimento de impotência. A mesma sensação até a morte lenta, face à violência fria, contada pelo tenente A. W. Greely, que viveu três anos de errância em sua conquista do Polo Norte, entre 1881-1884: “Elison foi bruscamente tomado pelo frio, seu rosto inchado, ele não pode mais abrir os olhos, por pouco conservou a faculdade de falar” (GREELY, 2010, p. 150).

Nos diferentes relatos, ainda que heroicizados nos documentos de ficção, biografias ou memórias, nota-se esse processo de ecologização corporal em condições extremas, imersão e emersão na profundidade da natureza, natureza do corpo e natureza que está fora de nós. A leitura dessas narrativas também nos coloca nesse estado emersivo, ainda que em condições seguras, por meio da empatia cinestésica que possibilita viver essas situações extremas em meio a uma *natureza selvagem* que desafia profundamente o vivo do corpo, o corpo vivo. O filme *Na natureza selvagem*, com roteiro e direção de Sean Penn e inspirado na história real de Christopher McCandless, narra às aventuras e desventuras desse jovem que abandona sua vida de conforto para buscar a liberdade. Sua viagem o leva ao Alasca, onde passa a viver em meio a *natureza selvagem*, isolado e vivendo do que conseguia caçar, até encontrar a morte por frio e inanição. Aqui se percebe uma representação de natureza ligada à vida ao ar livre e ao mito da liberdade, resquício de uma ideia romântica da natureza como sendo naturalmente boa.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Além das referências teóricas aqui citadas, as reflexões de Merleau-Ponty (1995), no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, sobre a natureza, contribuem para ampliarmos nossa compreensão de natureza. Assim, não se trata de considerar a natureza como algo exterior a nós mesmo e ao nosso corpo: somos natureza. O filósofo desenvolve, nesse conjunto de cursos, uma arqueologia do corpo e da natureza com base na historicidade científica e filosófica que ultrapassa concepções substancialistas em torno da temática corpo e natureza.

Para Guattari (1989), é nesse contexto de descentramento, de multiplicidade, de antagonismos e de processos de singularização que surgem novas problemáticas ecológicas em escalas individuais e coletivas, em particular, no que concerne à vida cotidiana, ou ainda a processos como a reinvenção da democracia, do urbanismo, da criação artística, do esporte, do lazer. Nesse contexto, o naturismo se insere como um dispositivo de produção de subjetividades e como uma ecosofia social, mental, corporal, como possibilidade de reinventar formas de estar e de ser em coletividade, transformando a relação com o corpo, com o fantasma do tempo que passa visível no envelhecimento, padrões estereotipados de beleza, comportamentos éticos, entre outros aspectos.

Na perspectiva da ecologia corporal, busca-se o contato com os elementos da natureza como um modo de imersão nas sensações corporais, como a respiração, o naturismo, a energia, a luz, a caminhada, a meditação e outras técnicas para se experimentar. Também se busca promover modos de vida coletivos, associativos, solidários, cooperativos para tecer alternativas de modo de vida ecológico, ainda que de maneira lenta, mas segura, para as escolhas sociais e estilos de vida mais solidários e harmônicos.



A natureza apresenta-se como um espaço para esse esporte e lazer emersivo por meio de técnicas corporais, hábitos e materiais, bem como na ativação de sensações de *invasão*, fusão com os elementos naturais, os espaços, a duração e a intensidade em uma estesiologia profunda capaz de ampliar nossa percepção ecológica de produzir um despertar corporal e a emergência de uma nova sensibilidade capaz de renovar nosso esquema corporal e nossos modos de ação no mundo.

Em um processo devastador das economias liberais, uma filosofia vivificante pode contribuir para pensarmos novos horizontes educativos no campo do esporte e do lazer que respeitem princípios éticos, culturais, ecológicos ao evidenciarem a ligação do corpo vivo com a natureza, seja em contextos extremos, como no caso dos relatos apresentados neste ensaio, seja em outras experiências emersivas como, por exemplo, as experiências meditativas, artísticas, naturistas e as práticas corporais na natureza.

Referências

- ANDRIEU, B. **L'écologie corporelle** (4 tomes). Biarritz: Atlantica, 2011.
- ANDRIEU, B. **Se fondre dans la nature** : Figures de la cosmoese. Montréal: Liber, 2017.
- ANDRIEU, B.; DA NÓBREGA, T. P. O Naturismo como ecologia do corpo: um exemplo vivido na Praia de Tambaba, Paraíba, Brasil. **Licere** (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. (Online), v. 19, p. 34-59, 2016.
- ANDRIEU, B.; DA NÓBREGA; T. P.; SIROST, O. Naked surfing: A Brazilian example of body ecology. **Loisir et Société/Society & Leisure**, v. 39, p. 1-9, 2017.
- AMUDSEN, R. **Prisonniers de la banquise**. Paris : Babelio, 2014.
- BOMBARD, A. **Naufagé volontaire**. Paris : Phebus, 1996.
- BYRD, R. **Seul**. Paris: Phébus, 1996.
- DALBEN, A. Práticas educativas em uma natureza-jardim: a educação extraescolar da cidade de São Paulo, seus parques infantis e colônias de férias (1930-1950). IN:

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



- SOARES, C. (Org.). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo, a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016 (pp. 91-12).
- DAVIS, W. **Les soldats de l'Everest**. Paris : Les belles lettres, 2016
- ETIENNE, J-L. **Persévérer**. Paris : Lattès, 2015.
- ETIENNE, J-L. **Le pôle intérieur**. Paris : J'ai Lu, 1999.
- GORZ, A. **Le fil rouge de l'écologie**. Paris : EHESS, 2015.
- GUATTARI, F. **Les trois écologies**. Paris : Galilée, 1989.
- GREELY, A. L. **Les naufragés du pôle**. Trois années d'errance dans l'enfer blanc 1881-1884. Paris : Poche, 2010
- HEDIN, S. **Dans les sables du Taklamakan**. Paris: Babelio, 2011.
- HERZOG, M ; ICHAC, M. **Regards Vers L'Annapurna**. Paris: Arthaud, 1951.
- HILLARY, E. **Un regard depuis le sommet**. Paris : Glénat, 1999.
- JUNIOR, C. O escotismo, a vida urbana e a natureza na educação do corpo nas primeiras décadas do século XX. IN: SOARES, C. (Org.). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo, a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016 (pp. 141-156).
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **L'esthétisation du monde. Vivre à l'âge du capitalisme artiste**. Paris: Editions Gallimard, 2013.
- LIVINGSTONE, D. **Le dernier journal de Livingstone 1866-1873**. Paris: Gallimard ; Folio, 1999.
- MAFFESOLI, M . **Matrimonium**: petit traité d'écophilosophie. Paris: CNRS, 2010.
- MALAURIE, J. **Terre mère**. Paris: CNRS, 2007.
- MARINHO, A. Lazer, aventura e risco: reflexão sobre atividades realizadas na natureza. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.14, n.2, 2008 (pp. 181-206).
- MERLEAU-PONTY, M. **La Nature**: notes des cours au Collège de France (1956-1960). Paris: Seuil, 1995.
- MESSNER, R. **Everest sans oxygène**. Paris: Arthaud, 1979.
- NAESS, A. **Vers une écologie profonde**. Marseille: Wildproject Editions, 2017.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



NÓBREGA, T. P.; TORRES, L. S. Des corps au vent: danse et nature à la plage de Redinha, Natal, Brésil. **Loisir et Société/Society & Leisure**, v. 39, p. 1-16, 2017.

SOARES, C. (Org.). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo, a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016.

TURCOT, L. **Sports et loisirs**: une histoire des origens à nos jours. Paris: Gallimard ; Folio, 2016.

VILLARET, S. Naturismo e educação corporal (fim do século XIX e início do século XX): uma “natureza” em movimento. IN SOARES, C. (Org.). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo, a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016 (pp. 69-90).

WEATHERS, B. **Laissé pour mort à l’Everest**. Paris: Glenat, 2015.

Sobre os autores

Bernard Andrieu

L’Université Paris Descartes
Staps, Laboratório EA 3625 TEC & GDRI 836 Cnrs
E-mail: bernard.andrieu@parisdescartes.fr

Petrucia da Nóbrega

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Departamento de Educação Física. Grupo de Pesquisa Estesia- Corpo, Fenomenologia, Movimento. E-mail: pnobrega68@gmail.com

Laís Saraiva Torres

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Grupo de Pesquisa Estesia- Corpo, Fenomenologia, Movimento. E-mail: laissaraiva_@hotmail.com

Luiz Arthur Nunes da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação. Grupo de Pesquisa Estesia- Corpo, Fenomenologia, Movimento. E-mail: Luizarthurnunesdasilva@gmail.com

Recebido em: 16/09/2017

Aceito para publicação em: 10/10/2017